

(RE)PENSANDO AS MASCULINIDADES NEGRAS: REFLEXÕES A PARTIR DE BELL HOOKS

(RE)THINKING BLACK MASCULININITIES: REFLECTIONS BASED ON BELL HOOKS

Érick Santos da Silva¹

Resumo

Neste artigo, busco apresentar algumas contribuições de Bell Hooks para (re)pensarmos as masculinidades negras. Para isso, serão analisadas obras da autora que discutem e estabelecem um diálogo sobre os homens negros. Hooks questiona a limitação da perspectiva que vê os homens negros apenas pela ótica da violência e debate os efeitos do patriarcado em suas subjetividades. A análise de sua obra destaca, ainda, a importância de discutir não apenas as masculinidades, mas também de olhar criticamente para a estrutura social que perpetua diversas formas de opressão. A obra de Bell Hooks sugere a prática do amor como meio de liberdade e o diálogo com mulheres negras como elementos fundamentais para que os homens negros repensem suas identidades e ações.

Palavras-chave: Masculinidades negras; Bell Hooks; Homens negros.

Abstract

In this article, I aim to present some contributions from Bell Hooks for rethinking Black masculinities. It will analyze works by the author that engage in dialogue about Black men. Hooks critiques the narrow perspective that views Black men solely through the lens of violence and discusses the impacts of patriarchy on their subjectivities. Her work emphasizes the importance of not only examining masculinities but also critically addressing the social structures that perpetuate oppression. Ultimately, Hooks advocates for love and dialogue with Black women as essential for Black men to reconsider their identities and actions.

Keywords: Black masculinities; Bell Hooks; Black men

¹Mestrando na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
Contato: erick.psicologia7@gmail.com

Editor-associado: Anderson Moraes Pires

Recebido em: 30/12/2023

Aceito em: 14/10/2024

Publicado em: 23/12/2024

Citar: Silva, É. S. da. (2024). (Re)pensando as masculinidades negras: Reflexões a partir de Bell Hooks. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 12(1), 69-78.



Introdução

Glória Jean Watkins foi uma mulher negra, escritora, educadora e teórica feminista antirracista, nascida em 1952 no Kentucky, nos Estados Unidos da América. Adotou o nome de sua bisavó, Bell Blair Hooks, como pseudônimo. A escolha desse nome se deu ao fato de que sua bisavó era conhecida como uma mulher de palavras afiadas, que não hesitava em expressar sua opinião e que não tinha medo de erguer sua voz. Desde cedo, muitos ao seu redor notavam semelhanças entre a personalidade de Glória e a de sua bisavó, uma mulher que, segundo ela (2022), possuía um domínio excepcional das palavras. Por essa razão, Bell Hooks adotou esse pseudônimo também como uma forma de reivindicar o legado de sua ancestral.

Desde a infância, enfrentou desafios relacionados à segregação racial e, durante a adolescência, foi testemunha do movimento pela integração nos Estados Unidos da América. Na universidade, como uma estudante negra, enfrentou numerosas formas de opressão devido à cor de sua pele. Em sua própria casa, a opressão emanava de seu pai, que esperava que ela se conformasse aos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres. As palavras sempre foram sua companheira fiel, mesmo quando esperavam que ela não falasse nada. Atravessada pelas intersecções dos marcadores sociais de raça, gênero e classe social, escreveu a partir da perspectiva de alguém que foi marginalizada socialmente.

Em seus livros, teorizou sobre as questões de gênero, raça e classe social, tendo em suas próprias vivências a matéria-prima do ato de escrever, pois, em suas obras, vida e escrita não se separam, principalmente em uma sociedade que marginaliza a produção de conhecimento de pessoas negras, em especial das mulheres. Além disso, escreveu sobre crítica cultural e educação, muito influenciada pelo pensador brasileiro Paulo Freire. Dedicou-se ainda a escrever sobre o amor como uma prática da liberdade, que pode, em sua concepção, transformar a sociedade.

Ela carregou consigo a experiência de ser constantemente lembrada de que mulheres negras não deveriam se atrever a levantar suas vozes em uma sociedade patriarcal que ela descreve (Hooks, 2020) como supremacista branca, capitalista e imperialista. Esses lembretes vinham, sobretudo, de sua casa, na sua relação com seu pai na infância e adolescência. Por isso, em suas obras, a autora escreve sobre homens negros e masculinidades, pois ela sabia que o patriarcado e os demais sistemas opressivos também afetam a subjetividade dos homens negros.

Por meio de suas palavras e escritos, Bell Hooks desafiou as estruturas de poder que estabelecem o homem branco como norma e referência social, oferecendo uma visão crítica e transformadora da sociedade. No entanto, a autora reconhece que o homem negro não ocupa o mesmo lugar que o homem branco em uma sociedade supremacista branca, capitalista e imperialista, embora muitas vezes seja ele seduzido pelos ideais do patriarcado.

Nessa direção, Hooks dedicou-se a escrever sobre masculinidades e homens negros em obras como *A gente é da hora: Homens negros e masculinidade* (Hooks, 2022) e *El deseo de cambiar: Hombres, masculinidad y amor* (Hooks, 2021a), buscando dialogar com novas perspectivas de masculinidade, especialmente aquelas que não estão ancoradas na dominação. Além disso, em livros como *Olhares negros: raça e representação* (Hooks, 2019c), *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (Hooks, 2019b), *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (Hooks, 2019a), *O feminismo é para todo o mundo: políticas*

arrebatadoras (Hooks, 2018) e *Teoria feminista: da margem ao centro* (Hooks, 2019d), ela desenvolveu ensaios específicos sobre os homens negros, ampliando seu convite para que estes (re)pensem suas masculinidades com o amor como fundamento.

O interesse da autora em dialogar e escrever dirigindo-se aos homens negros foi profundamente influenciado por figuras de grande importância em sua vida. Seu pai foi um homem negro que enfrentou consideráveis pressões sociais para desempenhar o papel patriarcal de provedor e opressor, o que o conduziu a negligenciar as nuances afetivas de sua família. Por outro lado, seu avô, descrito como alguém de espírito calmo, proporcionou-lhe o amor incondicional necessário, afastando-se da concepção hegemônica de masculinidade. Já seu irmão, desde os primeiros anos, foi instruído pelos ideais do patriarcado a reprimir a expressão de seus sentimentos e emoções, resultando em sofrimento.

Nesse contexto, de acordo com a perspectiva de Bell Hooks (2021a), a concepção de masculinidade hegemônica, acompanhada por todas as formas de dominação que a permeiam, está intrinsecamente ligada à estrutura da sociedade hetero-patriarcal-colonial. A autora argumenta que a produção dessa noção de masculinidade é parte integrante da estrutura dessa sociedade e do projeto de poder colonial. Assim, em sua abordagem feminista negra, a discussão sobre as masculinidades, especialmente no que se refere às masculinidades negras, não pode ser dissociada da discussão acerca da estrutura social que gera essa concepção hegemônica do que significa ser homem, pois essa noção não está descolada da sociedade que a produz.

Para a autora (Hooks, 2018), neste contexto, quando se trata do debate acerca das masculinidades, este não deve ser concebido e pensado exclusivamente no âmbito individual, mas sim também sob a perspectiva de uma coletividade, pois, em uma sociedade que entrelaça diversos marcadores, o homem branco de elite política e econômica é colocado no topo da pirâmide social e nos centros de poder. Dessa forma, a abordagem de Bell Hooks sobre questões relacionadas às masculinidades, presente em algumas de suas obras, encontra fundamentação em sua análise social. Ela defende a perspectiva de que uma transformação social verdadeiramente significativa só ocorrerá quando homens e mulheres participarem ativamente desse processo de mudança, que não pode se restringir à esfera individual e deixar de lado o âmbito social.

Nesse sentido, sua posição é convidar os homens, sobretudo os homens negros, para o diálogo, a conversar sobre masculinidades que não sejam fundamentadas em sistemas de opressão. Para a autora, a luta por transformação social não pode ficar restrita apenas às mulheres, e argumenta ainda que, se o patriarcado confere aos homens brancos uma suposta noção de superioridade, é imperativo que estes se envolvam na desestruturação dessa hierarquia social. Em sua visão, a verdadeira mudança só se concretizará quando os homens se unirem às mulheres na reconfiguração das estruturas sociais, desafiando assim as bases do patriarcado que se articula com outros sistemas opressivos como o racismo e o sexism.

Nesse contexto, por meio de suas obras, Bell Hooks nos convida a refletir e dialogar sobre a experiência dos homens, sobretudo dos homens negros. Suas reflexões nos convidam a pensar nos efeitos da sociedade hétero-patriarcal-colonial em suas subjetividades, apontando-nos possibilidades de existência para além da masculinidade hegemônica. Nessa direção, a autora propõe então um novo olhar sobre as masculinidades negras, para não as ver apenas como opressoras, para não generalizar suas vivências,

nomeando-as como iguais, pois os marcadores de raça e classe, por exemplo, as diferenciam no acesso aos privilégios prometidos pelo patriarcado. Seu convite, então, é para que os homens negros desaprendam o patriarcado e o sexismº e aprendam novas formas de ser e agir fundamentadas no amor e não na dominação.

Caminho metodológico

Para a escrita deste texto, foram analisadas as seguintes obras de Bell Hooks: *A gente é da hora: Homens negros e masculinidade* (2022) e *El deseo de cambiar: Hombres, masculinidad y amor* (2021a), livros em que a autora trata integralmente sobre masculinidades e masculinidades negras. Além disso, foram analisados ensaios específicos presentes nas obras: *Olhares negros: raça e representação* (2019c), *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (2019b), *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019a), *O feminismo é para todo o mundo: políticas arrebatadoras* (2018) e *Teoria feminista: da margem ao centro* (2019d).

Utilizando, portanto, a análise dessas obras como estratégia metodológica, busquei apresentar as contribuições que Hooks oferece para repensarmos as masculinidades negras, reposicionando os discursos em torno das imagens e representações de homens negros na sociedade. O texto está dividido em três partes: na primeira, apresento o patriarcado e como esse sistema opressivo afeta os homens negros. No segundo momento, discuto o amor como uma prática, oferecendo-o como possibilidade para que homens negros repensem modos de ser e agir que se oponham ao patriarcado e à dominação. Finalmente, no terceiro momento, problematizo a imagem do homem negro associada à alta performance sexual.

A construção desses três momentos foi realizada a posteriori, a partir da análise das obras de Bell Hooks. Durante a leitura e interpretação dos textos da autora, realizada entre 2022 e 2023, identifiquei três temas centrais que se destacaram na discussão sobre masculinidades negras. O primeiro tema é a influência do patriarcado na vida dos homens negros, um aspecto recorrente nas reflexões de Hooks sobre como as estruturas de poder hetero-patriarcal-colonial afetam as masculinidades e suas subjetividades. O segundo tema surgiu ao observar a proposta de Hooks sobre o amor como uma possibilidade para repensar essas masculinidades negras, oferecendo uma visão mais cuidadosa e compassiva que contraria o patriarcado. Por fim, a problematização da imagem do homem negro associada à alta performance sexual foi identificada como um elemento importante nas discussões sobre raça e representação nas obras da autora.

Homens negros e o patriarcado: uma enfermidade social

Nas palavras de Bell Hooks (2021a, p. 33), "el patriarcado es la enfermedad social más mortífera que ataca el cuerpo y la mente de los hombres". Desde tenra idade, a autora foi testemunha dos impactos profundos dessa dinâmica em sua própria casa. Seu pai, um homem negro influenciado pelas normas patriarcais que sustentam a ideia da superioridade masculina, ensinou-lhe que as mulheres não deveriam se aventurar a desafiar os papéis de gênero tradicionalmente atribuídos a elas.

Nessa perspectiva, Hooks (2022) nos conta que seu pai a pressionava para se conformar com as expectativas preestabelecidas a ela e ao seu corpo enquanto mulher negra. Ao mesmo tempo em que abraçava essa postura dominadora, o pai da autora se distanciava de sua família, negligenciando os afetos e

não conseguindo estabelecer uma conexão significativa com ela e seus irmãos, concentrando-se principalmente em prover o sustento do lar.

Ao contrário das mulheres negras — que, segundo o pensamento machista, recebem permissão para ser sentimentais e, portanto, capazes de permanecer em contato com os próprios sentimentos na infância, mesmo quando somos abusadas ou ensinadas a mascará-los para parecermos “fortes” —, exige-se dos homens negros, por meio de rituais de masculinidade patriarcal, que renunciem à capacidade de sentir (Hooks, 2022, p. 213).

Dentro do contexto do sistema patriarcal, Bell Hooks observa que existem papéis de gênero predefinidos que influenciam a maneira como, desde a infância, meninos e meninas são ensinados e criados. As meninas são frequentemente incentivadas a brincar com bonecas e panelas de brinquedo, promovendo a ideia de delicadeza e cuidado como valores a serem seguidos. Por outro lado, os meninos são encorajados a demonstrar força, poder e habilidade em atividades como brincar com carrinhos, cavalos e bola de futebol, sendo frequentemente ensinados a reprimir suas emoções, pois, no caso deles, chorar é inaceitável. Nas palavras de Antônia Camila de Oliveira Nascimento:

Enquanto a criança se apropria e usa os brinquedos disponibilizados e referendados pelos adultos, ela está açãoando valores socialmente definidos como o que é masculino e feminino, ao mesmo tempo em que dramatiza as próprias vivências de gênero, ou seja, introjeta facetas de uma cultura [patriarcal] que separa homens e mulheres, atribuindo-lhes valores sociais dominantes (Nascimento, 2016, p.297).

Ao recordar sua infância com seu irmão, Bell Hooks (2021a, p.34) relata: “cuando mi hermano mayor y yo nacimos con un año de diferencia, el patriarcado determinó como nos tratarían nuestros padres”. Nesse sentido, meninos negros, assim como o irmão da autora, desde cedo são ensinados a demonstrar seu valor através de atitudes e atividades, muitas vezes violentas. A cultura patriarcal os instrui a serem servidos e a assumirem o papel de provedores. Como apontam as autoras Julia Baerlocher Carvalho e Mônica Cristina Melo (2005, p.2), “é possível considerar a família como um contexto privilegiado de reprodução ideológica e de aprendizado social. Tradicionalmente, há uma cultura [patriarcal] que exige que a educação de meninos e meninas seja diferente”.

Bell Hooks salienta que, “para adoctrinar a los niños en las reglas del patriarcado, les obligamos a sentir dolor y negar sus sentimientos” (2021a, p.37). Nesse sentido, a autora enfatiza como as regras do patriarcado são incutidas nos meninos negros, forçando-os a reprimir suas emoções e suportar a dor. Hooks testemunhou esse processo na vida de seu irmão, que foi ensinado desde cedo que a única emoção aceitável para um homem era a raiva. O pai da autora, apesar de também estar sujeito às expectativas do patriarcado, projetou sobre seu filho as exigências de ser um homem negro dominante e viril.

Conforme Hooks (2019c) observa, embora o patriarcado favoreça e conceda privilégios aos homens brancos, ela destaca que os homens negros também são frequentemente pressionados a aderir a um modelo de masculinidade hegemônica hétero-patriarcal-colonial, que enfatiza a força, o domínio e a crença em uma suposta superioridade. Esse fenômeno se agrava pela intersecção do marcador racial, muitas vezes entrelaçado com as diferenças de classe social. Na visão da autora, os homens negros podem sentir-se compelidos a conformar-se a esses padrões patriarcais como uma forma de conquistar respeito e aceitação social.

No entanto, Hooks (2019c) também ressalta que, devido à sua condição de homens negros, o patriarcado jamais concederá plenos privilégios a essas pessoas, pois o marcador racial cria uma distinção significativa entre homens brancos e negros, resultando em uma masculinidade que é constantemente negada em sua plenitude.

[...] o homem pobre ou da classe trabalhadora que foi sociabilizado pela ideologia sexista a acreditar que há privilégios e poderes que ele deve possuir unicamente por ser homem descobre, muitas vezes, que poucos ou nenhum desses benefícios lhe são atribuídos automaticamente na sua vida (Hooks, 2019c, p.58).

Em uma sociedade patriarcal, supremacista branca, capitalista e imperialista, o homem negro será sempre visto como "negro", carregando todos os sentidos e significados associados a essa identidade. Nesse contexto, apesar de ser homem, o marcador racial atravessa o corpo do homem negro, oprimindo-o e limitando seu acesso aos espaços de poder e à ascensão social. Nas palavras de Frantz Fanon (2022, p. 15): "O negro é um homem negro." Essa afirmação do pensador martiniano denuncia as contradições que permeiam a vida e o corpo do homem negro, pois, em uma sociedade estruturada pelo colonialismo, a ideia de "humanidade" e de "homem" é sempre associada ao sujeito branco.

Nesse caminho, Hooks enfatiza a armadilha que é para os homens negros acreditarem que podem usufruir plenamente dos privilégios do patriarcado, pois o racismo e o patriarcado são dois lados da mesma moeda.

A maioria dos homens negros se apegam a estratégias de sobrevivência obsoletas, como o pensamento patriarcal, porque temem que, se abandonarem o pouco "poder" que talvez tenham no sistema existente, não terão nada [...] Tragicamente, o pensamento patriarcal que o homem negro adota é a lógica que o manterá mentalmente escravizado e mentalmente doente (Hooks, 2022, p. 213).

Nesse sentido, o convite de Bell Hooks é para que homens negros se unam às mulheres negras e aprendam com elas na luta por direitos e justiça social, reconhecendo que a verdadeira emancipação só pode ser alcançada quando se desafia e supera simultaneamente essas formas de opressão interconectadas socialmente. Nas palavras de Audre Lorde:

É preciso despertar a consciência do homem negro para a compreensão de que o machismo e o ódio contra mulheres são altamente ineficientes para a sua liberdade como homem negro, porque emergem da mesma constelação que dá origem ao racismo e à homofobia (Lorde, 2019 p.80).

Nesse caminho, Bell Hooks (2021a) enfatiza de maneira categórica o convite dirigido aos homens negros para pensarem outras formas de masculinidade que não estejam enraizadas no sistema patriarcal e na dominação. Nas palavras da autora (2022, p.214) "homens negros podem se engajar e aprender com estratégias de autorrecuperação de mulheres negras saudáveis que amam a si mesmas".

Enquanto houver homens negros dispostos a se beneficiarem desse sistema opressivo [patriarcado], o sofrimento, a opressão e uma série de injustiças persistirão. No entanto, é fundamental que o homem negro não perca de vista que não há patriarcado sem racismo, pois esses sistemas de opressão se retroalimentam. Aldeir de Oliveira Barreto diz que:

Pensar masculinidades negras no cotidiano tem se apresentado como algo desafiador. Busca-se compreender as relações históricas que moldam o imaginário coletivo sobre o que significa ser homem e ser um homem negro em uma sociedade colonial e patriarcal. É questionar a todo o momento quais tipos de homens negros queremos ser e como podemos construir alternativas para

pensar e propor novas identidades masculinas negras que se oponham aos estereótipos sexistas e racistas (Barreto, 2022, p. 184)

Nessa direção, Hooks aponta o perigo do desejo dos homens negros em usufruir dos dividendos do patriarcado. Ao invés disso, ela aponta (2022, p. 222) que os homens negros “devem sonhar com uma masculinidade que humaniza [...] devem ousar se tornar homens que desejam ser diferentes”. O patriarcado é uma enfermidade social. No caso dos homens negros, a intersecção entre gênero e raça os retrata, dentro dessa lógica colonial, como perigosos e violentos, aprisionando-os em seus próprios corpos e negando-lhes, nessa lógica, a possibilidade de expressar afeto. Como possibilidade de cura, Bell Hooks (2022, p. 222) aponta que “as portas da alma foram fechadas para muitos homens negros. E é quando eles destrancam essas portas e encontram a coragem de entrar que se redescobrem”.

Elá argumenta que a cura para essa condição está em descobrir novas formas de ser e agir, pautadas no respeito e no cuidado, e não na opressão – ou seja, o amor enquanto uma prática. No entanto, Hooks ressalta que essa transformação só pode ser alcançada, sobretudo, com uma mudança estrutural na sociedade, pois não é possível falar em mudança sem uma análise crítica da estrutura social que perpetua toda e qualquer forma de opressão.

Homens negros e o amor: vivendo segundo uma ética amorosa

Em sociedades estruturadas pelo racismo e pelo patriarcado e que articulam diversos sistemas de opressão, os homens negros enfrentam a dura realidade de serem frequentemente associados ao perigo e à violência. Por muito tempo, as imagens e representações sobre homens negros os vincularam à brutalidade, à agressividade e a ideia de serem considerados estupradores em potencial. Milton Ribeiro escreve que

As masculinidades negras, portanto, encontram suas bases em uma complexa retroalimentação das imagens negativas sobre a aparência, o corpo e a cor da pele, dos ideais de hipermasculinidade, força e poder e das crenças do apetite sexual excessivo, da genitália grande e da atividade sexual como penetrador (Ribeiro, 2019, p. 129)

Essas 'imagens de controle', conceito desenvolvido por Patrícia Hill Collins (2019), funcionam como ferramentas para perpetuar a opressão e manter o *status quo* da branquitude, que historicamente manipulou as imagens e representação acerca da negritude.

Contudo, Bell Hooks (2022) destaca que, durante o período de colonização e o tráfico de pessoas escravizadas, não eram os homens negros os perpetradores da violência, mas sim os homens brancos colonizadores. Estes, utilizando sua força, poder e privilégios, subjugavam violentamente as pessoas negras, com o objetivo de transformá-las em mão de obra barata para sustentar um sistema econômico baseado na exploração.

Os homens brancos colonizadores impuseram aos homens negros atributos e características que não lhes pertenciam. Bell Hooks (2022) afirma que a dimensão afetiva de suas vidas sempre foi desconsiderada, pois a intersecção entre raça e gênero faz com que suas experiências e existências sejam reduzidas ao corpo físico. Quando Frantz Fanon (2022) afirmou que 'o negro é um homem negro', ele se referiu precisamente a esse aprisionamento do homem negro em seu próprio corpo, resultado de sua condição racial, que é constantemente colocada como central e limitadora.

Hooks (2022) observou que muitos homens negros internalizaram a identidade masculina patriarcal, baseada na ideia de dominação, pois essa foi a referência que receberam ao pisarem no continente americano. Desde cedo, eles aprenderam que a violência era o meio de assegurar autoridade e conquistar respeito. A autora (2022, p. 46) destaca ainda que "homens negros escravizados foram socializados por pessoas brancas para acreditar que, ao buscar a liberdade, deveriam se esforçar para se tornar patriarcas, a fim de prover e proteger as mulheres negras; para serem patriarcas benevolentes."

Contudo, ao adotarem essa postura, a dimensão afetiva de suas vidas é cada vez mais negligenciada, à medida que ao homem negro não é permitido expressar ou entrar em contato com suas emoções. Nessa direção, Alan Ribeiro escreve que

A brutalização conduz homens negros à se comportar de modo bronco e inculto e nos leva a subscrever esta conduta de maneira tão sub-reptícia e eficiente, durante tanto tempo, que isto pode nos levar a pensar que precisamos ser uma pessoa bruta e truculenta, mesmo que apenas em situação de conflito, para sermos respeitados. Pensamos que o temor que causamos nas pessoas é respeito (Ribeiro, 2019, p.103)

Bell Hooks reconhece que, ao longo da história, houve homens negros, como Martin Luther King e seu próprio avô, que se recusaram a adotar os padrões patriarcais. Eles compreenderam que o patriarcado também alimenta outros sistemas de opressão como o racismo, e este último os marginalizava enquanto pessoas. Esses homens romperam com a ideia de dominação inculcada em suas subjetividades e aprenderam que toda e qualquer forma de violência deve ser combatida, optando por caminhos de justiça social e igualdade baseados no respeito e na não violência. Seguindo nessa direção, Alan Ribeiro aponta que

Devemos entender que isto foi colocado dentro de nós, não nasceu conosco. A virilidade pode até nos defender daquilo que julgamos como abusos e desrespeitos, pode até fazer com que a gente pense que está se preservando, fazendo com que nos deleitemos sobre nossa suposta capacidade de provocar prazer sexual, mas ela pode te isolar, afastar aqueles que querem fortalecer você e te apoiar como um sujeito que tem mentalidades e corporalidades, não apenas cabeça e corpo. Se você é visto como um sujeito brutalizado, visto como um sujeito truculento, visto como um sujeito viril durante muito tempo, começará a acreditar que não precisa de outras "forças" para ser um sujeito (Ribeiro, 2019, p.103)

Tanto homens brancos quanto negros, segundo Bell Hooks, precisam encontrar novas formas de ser e agir e que tenham o amor como fundamento de suas vidas, como uma prática de liberdade. Se os sistemas opressivos e suas imagens de controle oferecem aos homens negros a violência — e, consequentemente, a morte prematura — como única possibilidade de vida e representação, Hooks rompe com essa ideia ao apresentar o amor, e consequentemente a vida, como um caminho possível também para os homens negros, que historicamente foram privados dessa dimensão tão essencial.

Lamentavelmente, a verdade de fato, que é um tabu quando verbalizada, é que esta é uma cultura que não ama os homens negros; eles não são amados por homens brancos, nem por mulheres brancas ou mulheres negras, nem por meninas e meninos. Sobretudo, a maioria dos homens negros não se ama. Como eles poderiam amar a si mesmos e uns aos outros, como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja, desejo, ódio? Homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista são temidos, não amados. Obviamente, parte da lavagem cerebral que ocorre em uma cultura de dominação é a confusão entre temor e amor (Hooks, 2022, p. 34-35).

Para Bell Hooks (2021b), o amor não é apenas um sentimento; ele é, sobretudo, uma ação política. Deslocar o amor do campo dos sentimentos para o das ações impõe ao sujeito que afirma amar a responsabilidade por seus atos. Nesse sentido, se digo que amo, mas minhas atitudes revelam o contrário, isso não pode ser chamado de amor, pois, Hooks acredita que o amor é aquilo que o amor faz: cuidado, respeito e outras dimensões práticas.

Nessa perspectiva, partindo dessa concepção de amor, os homens negros foram historicamente privados dessa experiência. Em vez disso, seus corpos foram submetidos a uma política de morte, ou necropolítica, como nomeada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2019). Dentro dessa lógica necropolítica, os corpos negros tornam-se o alvo principal a ser eliminado. Quando se trata de mortes decorrentes de ações policiais, os homens negros são as principais vítimas. A esse respeito, Milton Ribeiro faz as seguintes constatações:

Não é preciso discorrer longamente aqui para constatar que: a) os homens negros jovens são as maiores vítimas da política estatal que nos extermina; b) o racismo estrutural impede o sucesso ou a conquista profissional de homens negros que dificilmente experimentam uma satisfação profissional; c) a violência policial ainda é uma das maiores responsáveis pela morte de homens negros que em conflito tem suas vidas perdidas diariamente (Ribeiro, 2019, p.126)

O escritor Jeferson Tenório aborda essa realidade de forma crua e dolorosa em seu livro *O avesso da pele* (2020), no qual um homem negro, professor, é morto pela polícia após ser 'confundido' com um ladrão. O autor traz para o jogo das palavras a forma como a violência e a morte atravessam os corpos dos homens negros e denuncia dessa maneira aquilo que Bell Hooks já afirmava: o homem negro não ocupa o mesmo lugar que o homem branco na sociedade, sobretudo na prática e no acesso ao amor.

A violência contra negros, sobretudo a institucionalizada, como é o caso do tratamento violento perpetrado por policiais contra esta população –a exemplo dos casos Marielle, Evaldo e Ágatha –, demonstra que as suas vidas são cada vez mais passíveis de eliminação impune. Pode-se, nesse sentido, diante da magnitude do fenômeno morte associado à população negra do Brasil, afirmar a existência de uma verdadeira política de extermínio, ou uma necropolítica (Wermuth, Mallmann & Mello, 2019, p.1065)

Para Bell Hooks, o amor é um elemento fundamental para que os homens negros (re)pensem suas masculinidades. No entanto, como é possível aprender a amar em uma sociedade que, ao invés de oferecer amor, destina ódio e morte a esses corpos negros, os limitando também de acessar espaços de poder e de ascensão social?

Enquanto homens negros, não aprendemos a amar sozinhos. Mesmo que a sociedade supremacista branca, capitalista e imperialista nos prive de viver e praticar o amor, podemos aprender a amar nas relações que estabelecemos com outras pessoas. É possível aprender a amar dentro das comunidades negras. Por isso, para Bell Hooks, é crucial que homens negros dialoguem com mulheres negras e aprendam com elas a se autorrecuperar — a reunir os fragmentos de seu ser e de sua própria história.

Diante desse cenário, Bell Hooks convida os homens negros a viverem segundo uma ética amorosa e a experimentarem seu poder transformador. Viver de acordo com essa ética, segundo Hooks (2021b, p.108), "pressupõe [a ideia] de que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa a todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança." Nesse sentido,

não há uma ética amorosa quando homens negros buscam os privilégios do patriarcado apenas por serem vistos como homens cisgêneros. Nas palavras de Hooks:

Homens negros muitas vezes vivem em uma prisão mental, incapazes de encontrar uma saída. Na cultura patriarcal, todos os homens aprendem um papel que restringe e confina. Quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero. (Hooks, 2022, p.34)

Ao aprenderem a amar, os homens negros terão a oportunidade de descobrir novas formas de expressar suas masculinidades, já que, na visão de Bell Hooks, o amor transcende a dimensão de um simples sentimento e se manifesta como uma ação concreta. Trata-se de uma ética de vida profundamente comprometida com o bem-estar coletivo. Nesse contexto, o amor se revela como uma poderosa força capaz de promover transformações significativas na sociedade, baseadas no respeito e no cuidado. Para Hooks, o amor é aquilo que ele faz, não havendo espaço para opressão ou dominação em sua prática.

Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor – “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” – em nosso cotidiano. Só podemos fazer isso de modo bem-sucedido ao cultivar a consciência. Estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Entender o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital. (Hooks, 2021b, p. 130)

Ao refletir sobre sua infância, Hooks compartilha uma experiência pessoal profunda. Ela nos conta que seu avô desempenhou um papel crucial em sua vida ao oferecer-lhe o amor que ela nunca recebeu de seu pai. O avô da autora desafiou as normas convencionais de masculinidade ao optar por expressar o amor como uma prática de liberdade.

Felizmente, Daddy Gus, pai da minha mãe, ofereceu-me o amor pelo qual meu coração ansiava. Calmo, terno, gentil, criativo, um homem de silêncio e paz, ele me ofereceu uma visão de masculinidade negra que ia contra a norma patriarcal. Foi o primeiro homem negro radical na minha vida. Ele assentou a fundação. Sempre me envolvendo nos diálogos, sempre apoiando minha ânsia por conhecimento e sempre me encorajando a falar o que penso, eu honro o nosso pacto e as lições da parceria negra masculina e feminina baseada na mutualidade que ele me ensinou ao continuar dialogando com homens negros, ao continuar fazendo o trabalho do amor verdadeiro (Hooks, 2022, p.41)

No entanto, essa escolha ousada de seu avô muitas vezes resultava em críticas, pois, dentro da estrutura patriarcal, ele não se enquadrava na imagem hegemônica de masculinidade. Apesar disso, o amor generoso demonstrado por ele mostrou a Hooks a força e o potencial transformador do amor quando praticado por homens negros, tanto dentro quanto fora de sua comunidade.

Bell Hooks, com sua perspectiva feminista negra, nos convida, enquanto homens negros, a conhecer o significado e a prática do amor. Ela nos instiga a amar e a nos unirmos às mulheres negras na busca autorrecuperação e por uma transformação social significativa. O chamado de Hooks é claro: que possamos ser homens negros distintos de seu pai e ousados a amar como seu avô. Suas contribuições ressoam ainda com um questionamento relevante: a quem interessa enxergar/pensar/representar os homens negros apenas sob a lente da violência e do anseio por benefícios patriarcais? Assim como o avô da autora e Martin Luther King, Hooks expande nosso olhar nos convidando a enxergar tais homens negros na história: homens negros que ousaram amar e viver segundo uma ética amorosa.

Além da performance sexual

A intersecção entre patriarcado e racismo afeta diretamente as relações sociais. Para Bell Hooks (2022), os homens são frequentemente levados a acreditar que seu valor individual está intrinsecamente ligado à sua atividade sexual. Ela descreve essa dinâmica como 'falocêntrica', que centraliza o valor das masculinidades hegemônicas em torno do órgão genital masculino — o pênis — dentro de uma perspectiva hetero-patriarcal-colonial.

Nesse contexto, Hooks (2021a) nos convida a refletir profundamente sobre como as sociedades moldadas pelo colonialismo historicamente atribuíram importância à virilidade sexual masculina como uma forma de demonstrar força e poder. Isso resulta em uma pressão psicológica persistente sobre os homens, que são forçados a se conformar a padrões muitas vezes inatingíveis e distantes da realidade.

Ao examinar as experiências dos homens negros antes da diáspora africana, Hooks (2022) nos revela uma nuance importante. Ela argumenta que as masculinidades negras, antes da travessia do Atlântico, não enfatizavam a sexualidade masculina da mesma forma e que o fenômeno do falocentrismo emergiu posteriormente, em decorrência do processo de colonização e do estabelecimento do patriarcado, centralizando a figura do homem na sociedade. Nas palavras da autora:

Todavia, um fato é mais do que evidente: corpos masculinos negros não estavam chegando ao novo mundo obcecados por sexualidade; eles vinham de contextos onde a sobrevivência coletiva era mais importante do que a atuação do desejo sexual, e estavam chegando a um lugar onde a sobrevivência era mais importante que o desejo sexual. É sempre difícil para os ocidentais lembrar que existem regiões no mundo onde a contínua obsessão pela sexualidade que caracteriza a vida na Europa e nas Américas simplesmente não se aplica (Hooks, 2022, p.127).

Influenciados e seduzidos muitas vezes pelos privilégios associados à concepção de masculinidade hegemônica, Hooks (2022) observa que homens negros, em determinados contextos, adotaram o falocentrismo como um meio de buscar a mesma legitimidade e privilégios associados aos homens brancos. No entanto, ressalta uma diferença crucial: enquanto o homem branco de elite econômica e política usufruía de seus privilégios de maneira plena, o homem negro, devido à sua condição racial, encontrou-se restrito a uma perspectiva limitada, pois foi encerrado no próprio corpo, sendo associado especificamente ao tamanho de seu órgão genital.

Acontece que a sociedade supremacista branca capitalista imperialista utilizou - e ainda utiliza - imagens de controle para representar homens negros sob a perspectiva falocêntrica. Nesse contexto, o pênis e seu tamanho passaram a ser considerados como os únicos elementos definidores da masculinidade dos homens negros. Isso resultou na associação do homem negro a uma suposta alta performance sexual, tornando essa característica um critério central para avaliar sua virilidade. A esse respeito, Milton Ribeiro estabelece que:

essa imagem está ligada diretamente à juventude e compõe-se a partir de algumas referências, como o corpo atlético, a ideação sobre o pênis grande, a intensa satisfação sexual derivada de um possível encontro sexual, a ideia da violência derivada desse encontro, a situação de vulnerabilidade de classe e de lugar de origem desse homem preto e o flerte com o ilícito, ilegal e marginal marcam essa personificação, embora esse homem negro possa também atuar dentro da licitude e da legalidade e atuar em profissões de menos prestígio social, como porteiros, pedreiros, entregadores, vigilantes e afins (Ribeiro, 2019, p. 130)

Esse enquadramento do homem negro como alguém de alta performance sexual o colocou em uma posição marginalizada, sendo sempre visto como um potencial estuprador, associado ao perigo e à ameaça. Conforme expressado por Bell Hooks (2022, p. 152): “a imagem do estuprador negro é central a essa fantasia.” A autora destaca como a representação do homem negro como uma figura perigosa e sexualmente agressiva foi perpetuada e exacerbada, contribuindo para a disseminação de narrativas racistas.

A objetificação do corpo masculino negro como viril, forte e insaciável parece sugerir que este corpo serve quase que exclusivamente aos desejos do próprio corpo, deixando de lado outros aspectos (valores, pensamentos e direitos) da essência humana, como inteligência, cultura, educação etc. (Rodrigues, 2020, p.260)

Diferente do homem branco, essas narrativas racistas manipuladas pela branquitude não apenas perpetraram injustiças sociais, mas também limitaram e ainda limitam as oportunidades e experiências dos homens negros, restringindo-os a um papel unidimensional: o sexo.

Independentemente de classe, status, renda ou nível educacional, para muitos homens negros a sexualidade continua sendo um lugar assombrado pelo fantasma do comportamento disfuncional. Isso se deve, em parte, à convergência do raciocínio machista sobre o corpo negro, que sempre projetou nele uma hipersexualidade (Hooks, 2022, p.125).

Entretanto, Bell Hooks (2022) nos encoraja a acreditar na possibilidade de mudança e transformação. Ela ressalta a importância de que as masculinidades negras se distanciem dessas imagens prejudiciais e reconheçam o perigo que a cultura hétero-patriarcal-colonial representa para os corpos negros. Segundo Hooks, homens negros não precisam se conformar com a concepção de masculinidade hegemônica; ao contrário, podem, por meio de uma comunidade amorosa, abrir novos caminhos para a reconstrução de suas identidades, fundamentadas no amor e no cuidado.

O convite de Bell Hooks é para que os homens negros criem suas próprias imagens de representação, rompendo com as narrativas de controle perpetuadas pela supremacia branca. Para a autora, ao se afastarem da norma estabelecida, os homens negros têm a oportunidade de redefinir o que significa ser um homem negro, promovendo uma maior diversidade e autenticidade nas expressões de gênero. O ponto central dessa observação é que, ao afastarem-se da masculinidade falocêntrica e hegemônica, homens negros podem adquirir uma nova perspectiva em relação às masculinidades negras e representá-las a partir de si mesmo.

As obras de Hooks chamam a atenção ainda para um questionamento importante: a quem interessa encerrar as experiências dos homens negros no próprio corpo? Com o propósito de criar uma experiência emancipatória, é imprescindível que homens negros mantenham vigilância constante sobre a desumanização de seus corpos. A aceitação do patriarcado, por parte dos homens negros, equivale a subscrever, de modo concomitante, às estruturas racistas que, como previamente elucidado, constituem duas faces de uma mesma moeda.

Considerações finais

Em suma, ao apresentar algumas contribuições de Bell Hooks para a reflexão sobre as masculinidades negras, faço um convite à leitura de suas obras, na esperança de que novas reflexões possam emergir a partir dessa análise. A autora nos instiga a considerar os efeitos de uma estrutura social hetero-patriarcal-colonial na subjetividade dos homens negros, ressaltando a importância de renunciar ao desejo de se conformar às

normas impostas por sistemas opressivos. Essa renúncia é crucial, pois o patriarcado, como sistema de opressão, está intimamente ligado ao racismo, afetando homens e mulheres da comunidade negra.

Hooks acredita na possibilidade de transformação das masculinidades negras, propondo que essas sejam fundamentadas no amor. No entanto, ela enfatiza que não podemos perder de vista a crítica à estrutura social que perpetua todas as formas de opressão. A mudança deve ocorrer não apenas no âmbito individual, mas também considerar a esfera social. Suas contribuições apontam para uma ética amorosa, incentivando os homens negros a descobrirem outras formas de ser e agir, com um foco na promoção do amor e do cuidado.

Além disso, é essencial que os homens negros aprendam com as mulheres negras, que há muito tempo desafiam os sistemas opressivos e exploram alternativas para viver de forma autêntica. Para Hooks, a construção de uma comunidade amorosa é fundamental, permitindo diálogos abertos e produtivos entre homens e mulheres negras na luta contra as opressões. Por fim, é importante ressaltar que, ao falar sobre masculinidades negras, restringi-me a discutir a experiência de homens negros cisgêneros. Reconheço, entretanto, que esse debate deve incluir também as masculinidades transgênero, ampliando assim a compreensão sobre as diversas formas de ser homem e as intersecções entre raça e gênero.

Referências

- Barreto, A. de O. (2022). Masculinidade negra e a colonização: Ecos do passado no presente. *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, 5(12). <https://doi.org/10.18764/2595-1033v5n12.2022.9>
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (2ª ed., F. M. Oliver, Trad.). Boitempo Editorial.
- Fanon, F. (2022). *Pele negra, máscaras brancas* (L. L. dos Santos, Trad.). Editora Ubu.
- Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rosa dos Tempos.
- Hooks, B. (2019a). *Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra*. Editora Elefante.
- Hooks, B. (2019b). *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. Editora Elefante.
- Hooks, B. (2019c). *Olhares negros: Raça e representação*. Editora Elefante.
- Hooks, B. (2019d). *Teoria feminista: Da margem ao centro*. Perspectiva.
- Hooks, B. (2020). *Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática*. Editora Elefante.
- Hooks, B. (2021a). *El deseo de cambiar: Hombres, masculinidad y amor*. Bellaterra.
- Hooks, B. (2021b). *Tudo sobre o amor: Novas perspectivas*. Editora Elefante.
- Hooks, B. (2022). *A gente é da hora: Homens negros e masculinidades*. Editora Elefante.
- Lorde, A. (2019). *Irmã outsider* (S. Borges, Trad.). Autêntica Editora.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica* (R. Ventura, Trad.). Editora n-1.
- Ribeiro, A. A. M. (2019). Como matar lentamente a si mesmo e continuar vivendo? *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 11(30). Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/788>
- Ribeiro, M. (2021). Eu decido se 'cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong: Homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. *Humanidades & Inovação*, 7(25), 136–152. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4911>

Rodrigues, W. H. de S. (2020). Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, 13(41), 267–284.

<https://doi.org/10.3895/cgt.v13n41>

Tenório, J. (2020). *O avesso da pele*. Companhia das Letras.

Wermuth, M. Â. D., Marcht, L. M., & de Mello, L. (2020). Necropolítica: Racismo e políticas de morte no Brasil contemporâneo. *Revista de Direito da Cidade*, 12(2), 1053–1083. <https://doi.org/10.12957/rdc.2020.49790>